

TRADUÇÃO

Memórias de Franz Brentano¹

Erinnerungen an Franz Brentano

Edmund Husserl

Tradutor

Flávio Vieira Curvello²

Universidade Federal da Bahia – UFBA

157

[153] Tive apenas por dois anos a felicidade de ouvir as preleções de *Brentano*. Semestres completos delas foram apenas os semestres de inverno de 1884/85 e 1885/86. Em ambas as vezes ele leu por cinco horas sobre “Filosofia Prática” e, em acréscimo aos exercícios filosóficos, ainda por uma ou duas horas sobre questões filosóficas selecionadas. Nos semestres de verão correspondentes, ele ofereceu continuações destes cursos menores, estabelecidos exclusivamente para alunos mais experientes, mas as concluiu já na primeira semana de junho. Sob o título “A Lógica elementar e as reformas nela necessárias”, o primeiro destes cursos lidou com elementos fundamentais e sistematicamente conectados de uma Psicologia Descritiva do intelecto, ainda que também tenha perseguido, em um capítulo próprio, os paralelos na esfera do ânimo. O outro, sobre “Questões psicológicas e estéticas selecionadas”, ofereceu, de sua maior parte, análises descritivas fundamentais sobre a essência das representações da fantasia. Em torno do meio de junho, ele ia ao Wolfgangsee, por ele à época tão querido, e até lá (até St. Gilgen) eu o acompanhava, a seu gentil convite. Precisamente nestes meses de verão, nos quais eu estava a todo

¹ Publicação original em: Kraus, O. *Brentano. Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre*. Mit Beiträgen von Carl Stumpf und Edmund Husserl. München: C.H. Beck, 1919, pp. 153-167. Os números entre colchetes indicam a paginação desta.

² E-mail: filo.fvc@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9072-4472>

Tradutor

Flávio Vieira Curvello

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 157-167

tempo livre para visitar a sua hospitaleira morada e tomar parte em seus pequenos passeios, viagens de barco (e também na única excursão mais longa de ambos os anos), eu tinha a permissão de me aproximar um pouco mais dele, tanto quanto permitia a grande diferença de idade e maturidade. À época eu havia acabado de concluir os meus estudos universitários e era em Filosofia (minha segunda disciplina no Doutorado em Matemática) ainda iniciante.

No tempo do crescimento de meus interesses filosóficos e da oscilação sobre se eu deveria me manter na Matemática como carreira de vida ou me dedicar inteiramente à Filosofia, as preleções de Brentano foram decisivas. Compareci a elas primeiramente por mera curiosidade, para ouvir uma vez o homem que levava tantos a falarem dele na Viena de então, [154] que era por uns venerado e admirado até as alturas e por outros (e não poucos) destrutado como jesuíta enrustido, bom discursador, exibicionista, sofista, escolástico. Não fui pouco afetado pela primeira impressão. Essa figura esguia, com a cabeça altiva, emoldurada por um cabelo cacheado, nariz enérgico e desafiadoramente encurvado, as expressivas feições, que falavam não apenas do trabalho espiritual, mas também de profundas batalhas na alma, encontrava-se inteiramente fora do quadro da vida comum. Em cada traço, em cada movimento, na mirada direcionada para fora e para dentro dos olhos plenos de espírito, em toda a sua maneira de se dar, expressava-se a consciência de uma grande missão. A linguagem das preleções, completa na forma, livre de toda torção artificial, de toda superficialidade espirituosa, toda frase retórica, era nada menos do que aquela do discurso sobriamente científico. Ela tinha, de fora a fora, um estilo elevado e artístico, que oferecia a essa personalidade a expressão que lhe era inteiramente apropriada e natural. Quando ele assim falava, no tom peculiarmente brando, baixo, velado, acompanhando o discurso com gestos sacerdotais, ele se erguia perante os jovens estudantes como um contemplador de eternas verdades, como o arauto de um mundo supra-celestial.

A despeito de todos os preconceitos, não me protegi por muito tempo contra o poder desta personalidade. Ora tomavam-me as coisas, ora eu era subjugado pela clareza inteiramente única e pela acuidade dialética de suas explicações, pela força, por assim dizer, cataléptica de seus desenvolvimentos de problemas e teorias. Foi primeiramente de suas preleções que eu extraí a convicção que me deu a coragem de escolher a Filosofia como vocação de vida, isto é, que também a Filosofia seria um campo de trabalho sério, que também ela poderia — e, com isso, teria de — ser tratada no espírito da rigorosa ciência. A pura objetividade com a qual ele [155] ia ao cerne de todos os problemas, os seus modos de tratamento de acordo com aporias, a ponderação fina e dialética dos diferentes argumentos possíveis, o corte das equívocações, a recondução de todos os conceitos filosóficos às suas fontes originárias na intuição — tudo isso me preenchia de admiração e segura confiança. O tom de sagrada seriedade e da mais pura doação de si às coisas lhe interditava, em aula, toda troça acadêmica ou piada barata. Ele próprio evitava todo tipo de antíteses engenhosas, cuja agudeza linguística costuma ser comprada mediante simplificações tremendas de pensamento. Em conversa livre e com bom humor, no entanto, ele era altamente espirituoso e podia ebulir em chiste e graça. Sua eficiência nos

inesquecíveis exercícios filosóficos era a mais profunda. (Lembro-me dos seguintes temas: as *Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*, de Hume; *Os Fatos da Percepção*, um discurso de Helmholtz; os *Limites do Conhecimento da Natureza*, de Du Bois-Reymond.) Brentano era um mestre na maiêutica socrática. Como ele sabia, através de perguntas e objeções, conduzir o iniciante que tateava inseguramente, instilar coragem naquele que se esforçava com seriedade, para que transformassem teses obscuras, de uma verdade meramente sentida, em pensamentos e intelecções claras. E, por outro lado, como ele conseguia colocar fora de ação o falatório vazio, sem jamais se tornar ofensivo. Após os exercícios, ele costumava levar os expositores e ainda três ou quatro dos participantes mais diligentes consigo para casa, onde a Sra. Ida Brentano³ havia preparado um jantar. Lá não se conversava sobre coisas quotidianas. Os temas das horas de seminário eram conduzidos adiante, Brentano falava incansavelmente mais, colocando novas perguntas ou abrindo grandes perspectivas em preleções inteiras. Muito cedo, tão logo a comida houvesse acabado, desaparecia a Sra. Ida, que estivera tão tocantemente ocupada em estimular os tímidos estudantes a se servirem com liberdade – para o que o próprio Brentano não tinha olho algum. [156] Certa vez, juntou-se casualmente a esta companhia o conhecido político E. v. Plener,⁴ um amigo próximo da casa. Mas Brentano não se desviava – naquela noite ele pertencia inteiramente aos seus estudantes e aos temas de discussão que os ocupavam.

159

Para seus alunos, Brentano era de fácil acesso. Com prazer, ele convidava para um passeio conjunto, no qual respondia às perguntas filosóficas postas inteiramente sem se perturbar com o barulho das estradas da grande cidade. Com sacrifício, ele acolhia seus estudantes, mas não apenas em suas urgências científicas, mas também pessoais e era para eles o mais bondoso conselheiro e educador. Para aqueles que ele via como seus amigos de confiança, ele também se expressava sobre suas convicções políticas e religiosas e seus destinos pessoais. Ele se mantinha afastado da política diária, mas uma coisa que o tocava no coração era a ideia da Grande Alemanha, no sentido das velhas visões do sul germânico, nas quais ele cresceu e as quais ele sustentou de modo duradouro, bem como a sua antipatia contra os prussianos. Nesse aspecto, não pude jamais concordar com ele. O estilo prussiano, obviamente, nunca se tornou visível para ele em suas manifestações pessoais significativas e sociais valiosas, ao passo que eu mesmo, mais feliz nisso, aprendi a valorizá-las em grande medida. Correspondentemente, faltava a ele também toda sensibilidade para a peculiar grandeza da história prussiana. De modo similar ele se comportava perante o Protestantismo, do qual ele não se aproximou de modo algum após sua saída da

³ [N.T.] Nascida Ida von Lieben (1852-1894), esposada por Brentano em 1880.

⁴ [N.T.] Ernst Freiherr von Plener (1841-1923): político austríaco do Partido Liberal Alemão (*Deutschliberale Partei*) que atuou como Ministro das Finanças e Presidente do Tribunal de Contas de seu país. No *Österreichisches Staatsarchiv* estão compiladas cartas trocadas por Brentano e Plener entre os anos de 1894 e 1902 (<https://www.archivinformationssystem.at/detail.aspx?id=2358844>)

Igreja Católica.⁵ Ele se libertou do dogma católico como filósofo, mas uma relação com o círculo de ideias do Protestantismo não desempenhou nenhum papel aí. E uma compreensão histórico-política empática, bem como uma apreciação dos valores históricos dela decorrentes, não se encontravam aqui e também de nenhum outro modo no jeito de Brentano. Do próprio Catolicismo, nunca o ouvi falar de outra maneira senão em tom de alta reverência. As forças ético-religiosas que atuavam amplamente através deste tom, [157] ele as defendia ocasionalmente com vivacidade contra falas de incompreensão e desvalorização. Em termos filosóficos, ele se unia ainda à velha Igreja pela cosmovisão teísta, que tanto lhe residia no coração que ele se pronunciava com prazer sobre questões acerca de Deus e da imortalidade. Seu curso de duas horas sobre as provas da existência de Deus (uma parte de um curso mais amplo sobre Metafísica, que ele leu em seus anos iniciais, tanto em Würzburg quanto em Viena) foi concebido com o maior detalhismo, e ele começava a trabalhar novamente nos principais problemas assim que eu parti de Viena. Eles o perseguiram, tanto quanto sei, até sua mais avançada idade.

Nestes anos, contudo, ocupavam-no principalmente em parte aqueles problemas psicológico-descritivos que foram os temas das preleções acima nomeadas, em parte as investigações psicológico-sensoriais, que só foram publicadas há poucos anos e cujo conteúdo permanece-me na memória a partir das conversas em Viena e St. Gilgen (pelo menos de acordo com suas linhas principais).⁶ Nas preleções sobre Lógica elementar, ele tratou de modo especialmente detalhado e, obviamente, em uma conformação nova e criativa, da Psicologia Descritiva dos contínuos, com consideração penetrante dos *Paradoxos do Infinito*, de Bolzano; bem como das distinções entre representações “intuitivas e não intuitivas”, “claras e obscuras”, “distintas e indistintas”, “próprias e impróprias”, “concretas e abstratas”. No verão subsequente, ele fez o ensaio de uma investigação radical de todos os momentos descritivos que repousam por trás das distinções tradicionais entre juízos e que podem ser evidenciados na essência imanente do próprio juízo. Na sequência imediata disto, ocuparam-no intensamente (e como tema de um curso próprio, como já mencionado acima) problemas descritivos da fantasia e em especial a relação entre as representações da fantasia e aquelas da percepção. Essas preleções foram particularmente estimulantes porque elas mostraram [158] os problemas no curso da investigação, enquanto preleções como aquelas sobre Filosofia Prática (ou também sobre Lógica e Metafísica, das quais pude utilizar notas breves), apesar da apresentação crítico-dialética, tinham um caráter — em certo sentido — dogmático, isto é, despertavam e deveriam despertar a impressão de verdades firmemente alcançadas e teorias definitivas. Com efeito, Brentano sentia-se inteiramente como o criador de uma *philosophia perennis*, essa sempre foi a minha impressão, à época e depois. Inteiramente seguro de seu método e constantemente empenhado em satisfazer as mais altas exigências de um rigor quase matemático, ele acreditava ter

160

⁵ [N.T.] Brentano fez parte de um conjunto de sacerdotes que se opôs terminantemente ao “dogma da infalibilidade papal”, tendo se desligado da Igreja por essa razão em 1873.

⁶ [N.T.] Husserl refere-se às *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, editadas em 1907.

obtido uma verdade satisfatória em seus conceitos precisamente polidos, em suas teorias sistematicamente ordenadas e firmemente compostas e em sua refutação aporética abrangente de perspectivas adversárias. Contudo, a despeito do quão decididamente se posicionasse em favor de suas doutrinas, ele não se prendia a elas tão rigidamente, como acreditei por muito tempo. Assim, tardiamente ele abriu mão de muitas das teses preferidas de seus anos mais jovens. Ele nunca permaneceu inerte. Contudo, apesar de profundamente penetrante e frequentemente genial na análise intuitiva, ele passava relativamente rápido da intuição à teoria – à constatação de conceitos precisos, à formulação teórica dos problemas de trabalho, à construção de um conjunto sistemático das possibilidades de solução, entre as quais a escolha tivesse de ser feita por meio de crítica. Assim, se julgo corretamente seu estilo filosófico, ele teve em cada fase de seu desenvolvimento, do mesmo modo, suas teorias fechadas, armadas com uma falange de argumentos escrupulosamente pensados, com os quais ele podia se medir com toda doutrina divergente. Para pensadores como Kant e os idealistas alemães pós-kantianos, nos quais os valores da intuição originária e de uma apreensão preditiva encontram-se tão desigualmente acima daqueles dos métodos lógicos e da teoria científica, ele tinha pouco apreço. Que um [159] pensador filosófico possa ser valorizado como grande, mesmo quando todas as suas teorias, tomadas rigorosamente, são não científicas e mesmo seus conceitos fundamentais deixam quase tudo a desejar em termos de “clareza e distinção”; que sua grandeza, em vez de na completude de suas teorias, possa residir também na originalidade de intuições fundamentais altamente significativas, ainda que vagas, pouco clarificadas e, com isso, em inclinações pré-lógicas, que penetram, antes de tudo o mais, no *Logos* – em suma, em *motivos* cognitivos de tipo inteiramente novo e decisivos de modo último para os objetivos de todo trabalho filosófico, mas que estão ainda distantes de terem efeito em intelecções teoricamente rigorosas; isso Brentano pouco teria admitido. Ele, que era inteiramente entregue ao austero ideal da mais rigorosa ciência filosófica (que se representava para ele na ciência natural exata), viu o sistema do Idealismo Alemão apenas sob o ponto de vista da degeneração. Em meus começos, fui inteiramente conduzido por Brentano, mas cheguei eu próprio apenas mais tarde à convicção compartilhada, no presente, por alguns dos pesquisadores que se preocupam com uma Filosofia rigorosamente científica: a de que os sistemas idealistas – em fundamento, não diferentemente de todas filosofias precedentes, da época inaugurada por Descartes – têm de ser vistos, antes, sob o ponto de vista de uma imaturidade juvenil, mas, então, também valorizados do modo mais elevado. Mesmo que Kant e os demais idealistas alemães tenham podido oferecer pouco de satisfatório e duradouro para um trabalho cientificamente rigoroso com os motivos dos problemas que poderosamente os moveram – aqueles que efetivamente podem entender esses motivos e se integrar em seu teor intuitivo estão certos de que nos sistemas idealistas dimensões inteiramente novas e as mais radicais da Filosofia vêm à tona e que só com sua

161

Tradutor

Flávio Vieira Curvello

Toledo, v. 8, n.º 1 (2025) p. 157-167

clarificação e com a formação do método da Filosofia exigido por seu tipo próprio abrem-se seus últimos e mais elevados fins.⁷

[160] Brentano, aliás, depositou forças tão soberbas e admiráveis na teorização lógica, que o efeito extraordinário e ainda longe de se concluir de sua Filosofia repousa, de modo último, no fato de que ele próprio, como pensador original, criou a partir das fontes originárias da intuição e, assim, introduziu na Filosofia alemã dos anos 1870, que se tornara tão improdutiva, motivos novos e fecundos. Por quanto tempo seus métodos e teorias vão perdurar não se decide aqui. De todo modo, aqueles motivos tomaram, no solo que nutre outros espíritos, um outro impulso que não o do seu, mas evidenciaram com isso, de modo renovado, sua fecunda vivacidade originária. Não obstante, não para a sua alegria, já que ele, como dito, estava certo de sua Filosofia. De fato, sua autoconfiança sempre foi plena. A certeza interior de estar no caminho correto e de fundamentar a única Filosofia científica era sem qualquer abalo. Conformar de modo mais próximo essa Filosofia, dentro das doutrinas sistemáticas fundamentais que já lhe contavam como certas — a isso ele se sentia convocado por si mesmo e pelas alturas. Eu gostaria de designar essa convicção simplesmente indubitável de sua missão, de modo literal, como o fato primordial de sua vida. Sem ela não se pode compreender e, portanto, ajuizar apropriadamente sobre a personalidade de Brentano.

Deste modo entende-se, antes de mais, que ele atribuisse tanto valor a uma atuação pedagógica profunda ou mesmo, em bom sentido, a uma escola: não apenas para a divulgação das visões já obtidas, mas também para a continuidade do trabalho em seus pensamentos.⁸ Decerto, ele era sensível a todo desvio das convicções que eram para ele firmes — perante objeções acerca delas, ele se tornava vigoroso e permanecia um pouco rígido nas formulações já há muito consideradas e nas fundamentações aporéticas, afirmando-se vencedor graças à sua dialética magistral que, contudo, poderia deixar insatisfação remanescer quando o objetor [161] se baseava em intuições originárias opostas. Ninguém exortava mais ao pensamento livre e autônomo, mas também lidava de modo mais pesado quando este se direcionava contra suas convicções firmemente enraizadas.

Com a convicção de ser o precursor de uma nova Filosofia, relacionava-se indubitavelmente o grande (e para mim à época pouco compreensível) valor que Brentano atribuía ao restabelecimento de seu professorado ordinário em Viena. Ele falava muito das esperanças que constantemente se abriam para ele, de modo renovado, das promessas que lhe foram feitas e nunca sustentadas. Foi para ele,

⁷ [N.T.] O desconforto de Brentano com Kant e os idealistas pós-kantianos pode ser apropriadamente compreendido em sua doutrina da história da Filosofia, presente em *Die Vier Phasen der Philosophie und ihr augenblicklicher Stand* (1895), e em preleções como *Über Schellings Philosophie* (1866 e 1889).

⁸ [N.T.] Note-se o seguinte comentário de Oskar Kraus (1919): “Brentano tinha a opinião de que, ao organizador de seu espólio, deveria caber uma tarefa similar àquela que Etienne Dumont assumiu perante o acervo de Bentham.” (p. vii) O que isso propriamente significou, explicita Dewalque (2017): “Sabe-se que Bentham deu a Dumont seus escritos semi-acabados, com base nos quais ele posteriormente escreveu os *Tratados de Legislação Civil e Penal*, compilando livremente as notas de Bentham de vários períodos, preenchendo as lacunas, desenvolvendo algumas ideias e omitindo outras. Kraus, Kastil e Mayer-Hillebrand fizeram o mesmo ao compilar e reescrever textos de Brentano.” (p. 234)

assim, difícil suportar o fato de não poder mais orientar e representar trabalhos de doutorado na faculdade e, ainda mais, ter de ver passivamente a habilitação de *Privatdozenten* menos aceitáveis do que ele. Com amargura, ele se expressava frequentemente acerca disso. Sua atividade de ensino, contudo, não sofreu diante dessas circunstâncias (a despeito da voluntária limitação de suas preleções de verão). Ele exercia ainda uma influência determinante não apenas em Viena, mas também em toda a Áustria. Sua bela e mesmo classicamente completa preleção sobre Filosofia Prática foi a cada inverno acompanhada por centenas de juristas dos primeiros semestres e ouvintes de toda a faculdade – não obstante, o grande número se reduzia muito após algumas semanas, já que o trabalho conjunto regular que era exigido não era algo para qualquer pessoa. Desta preleção vieram, aliás, a cada vez, jovens talentosos para os seus exercícios e testemunhavam que seus esforços haviam sido bem aplicados.

Ele se queixava muito nestes anos sobre seus nervos fracos, também em St. Gilgen, que deveria trazer fortalecimento a eles. Sua recuperação do trabalho espiritual intenso ele a procurava a todo tempo em outras atividades não menos intensas, realizadas com não menos zelo. No clube de xadrez de Viena, ele contava como um enxadrista especialmente engenhoso (excessivamente [162] engenhoso, diziam-me, e excessivamente direcionado à perseguição de um pensamento diretor para poder ser vencedor com frequência) e que poderia, por vezes, mergulhar em um jogo inteiramente apaixonado. Em outras ocasiões, ele fazia trabalhos de escultura ou pintava e desenhava, sempre dedicado ao que fazia de modo apaixonado. Ele tinha de estar sempre, de algum modo, ativo. Na viagem conjunta a St. Gilgen, ele logo levou o seu prático jogo de xadrez, esculpido por ele mesmo e, assim, jogava-se com avidez durante toda a viagem. Em St. Gilgen, ele se ocupou com prazer dos retratos de sua esposa, que era uma pintora virtuosa, aperfeiçoando-os ou assumindo inteiramente as suas pinturas em curso de produção. Mas ela tinha então, decerto, de auxiliar novamente e reparar algumas coisas. Assim, ele havia me pintado no ano de 1886, em conjunto com sua esposa: “Uma figura adorável”, como *Theodor Vischer*,⁹ o sofisticado historiador da arte, julgou. Com a mesma avidez ele conduzia em St. Gilgen, durante as tardes, do jogo de bocha (no “jardim”, um pedacinho de grama atrás da pequena casa alugada, próxima ao lago). Para passeios nas montanhas ele não era engajado de modo algum, ele gostava apenas de caminhadas moderadas. Seu modo de viver era muito simples em St. Gilgen, mas também em Viena. Não era preciso, aliás, conhecê-lo há muito tempo e observar seus hábitos de vida para se sentir o quão risível era a conversa que circulava sobre ele ter se casado com sua

163

⁹ [N.T.] De acordo com Spiegelberg (1972, p. 341), em seu ensaio *The Lost Portrait of Edmund Husserl by Franz and Ida Brentano*, Husserl comete um engano ao citar este nome. Ele deveria se referir a Robert Vischer (1847-1933), esteta e historiador da arte, mas confunde seu nome com o de seu pai, Friedrich Theodor Vischer (1807-1887), romancista, poeta e filósofo da arte e da política. Spiegelberg atribui a informação a Elli Husserl Rosemberg (1892-1981), filha do pensador radicada nos Estados Unidos.

primeira esposa por conta de sua riqueza. Para os prazeres dos ricos, para luxo, boa comida, vida opulenta de todo tipo, ele não tinha absolutamente nenhum gosto. Não fumava — comia e bebia muito moderadamente, sem atentar ali a quaisquer distinções. Eu, que frequentemente estava na casa durante as refeições, nunca ouvi ou notei um pronunciamento dele sobre pratos ou bebidas que ele experimentasse com especial prazer. Quando chegávamos algum tempo antes de sua esposa em St. Gilgen e tínhamos de comer em uma casa de pasto bem ruim, ele estava sempre [163] satisfeito e não trazia a diferença de modo algum à consciência, sempre ocupado com seus pensamentos ou conversas. Ele aceitava apenas os pratos mais simples, bem como, quando estava no trem e viajava sozinho, contentava-se com a classe mais baixa. E do mesmo modo ocorria com seu vestuário, que era muito simples e muitas vezes desgastado pelo uso. Econômico em todos estes aspectos, tanto quanto estava em questão a sua própria pessoa, ele era, no entanto, generoso quando ele podia fazer um bem ao outro com isso. Em seu comportamento pessoal perante os mais jovens ele era, por um lado, gracioso, e, por outro, bondoso e afetuoso, continuamente preocupado com o estímulo de sua formação científica, mas também com sua personalidade ética. Não era possível agir de modo diferente, mas apenas se entregar a essa condução superior e sentir continuamente a sua força refinada, mesmo quando se estava espacialmente distante dele. Mesmo em suas preleções, quem se doava a ele era tomado o mais profundamente, não apenas em termos teóricos, a partir das coisas, mas também pelo puro *ethos* de sua personalidade. E como ele se doava pessoalmente! Inesquecíveis são para mim as caminhadas silenciosas, nas tardes de verão no Wolfgangsee, nas quais ele se permitia exprimir em fala livre sobre si mesmo. Ele era de uma abertura pueril, bem como tinha, em geral, a puerilidade do gênio.

Não troquei muitas cartas com Brentano. Na carta em que pedi a ele que aceitasse a dedicatória de minha *Filosofia da Aritmética* (meu escrito filosófico de estreia), ele me respondeu agradecendo calorosamente, mas também me advertindo com seriedade: eu não deveria tomar para mim o fardo do rancor de seus oponentes. Eu dediquei o escrito a ele, ainda assim, mas não obtive nenhuma outra resposta ao envio do exemplar com a dedicatória. Somente após 14 anos Brentano notou que eu havia efetivamente dedicado o escrito a ele e agradeceu, então, com palavras bondosas e afetuosas. Obviamente, ele não a havia [164] visto antes ou apenas a havia lido, do seu jeito, “de modo atravessado”. Ele se encontrava muito acima de mim, naturalmente, e eu o compreendi muito bem para ser tocado por isso de maneira sensível.

Houve razões mais profundas para que nenhuma troca vívida de cartas tenha se desenvolvido. Inicialmente seu aluno entusiasmado, eu nunca deixei de admirá-lo altamente como professor, mas não me foi dado permanecer membro de sua escola. Eu sabia, contudo, o quanto o irritava quando alguém assumia caminhos próprios, mesmo que derivassem dos seus. Ele podia se tornar, então, facilmente injusto e ele o fez em relação a mim, o que foi doloroso. Aquele que é movido de dentro por motivos cognitivos não clarificados, mas, ainda assim, dominantes ou que procura fazer jus a intuições ainda inapreensíveis conceitualmente, com as quais as teorias

dadas não querem concordar, também não irá se abrir com satisfação para quem está satisfeito com suas teorias – menos ainda a um mestre em Lógica como Brentano. Já se tem suficientemente o tormento da própria falta de clareza e não são necessárias novas provas ou quaisquer refutações dialéticas para a própria inaptidão lógica, que é mesmo a força motora para o pensamento investigativo. O que elas pressupõem, métodos, conceitos, proposições, deve infelizmente ser posto sob suspeição e prontamente suspenso como duvidoso. Ademais, que não se possa refutar com clareza e também postular, por si mesmo, nada de suficientemente claro e determinado, é isto, precisamente, a infelicidade. Assim foi em meu amadurecimento e assim se explica certo distanciamento, quando não uma alienação pessoal em relação a meu professor, o que também tornou mais tarde, a partir daí, um contato científico difícil. Nele, como tenho de reconhecer livremente, isso nunca faltou. Ele se esforçou repetidas vezes por restabelecer relações científicas. Ele sentia bem que a minha grande admiração por ele nestas décadas nunca se tornou menor. Pelo contrário, ela apenas aumentou. Eu aprendi, no curso [165] de meu desenvolvimento, a valorizar cada vez mais a força e o valor dos impulsos recebidos dele.

Como *Privatdozent* eu o visitei uma vez nas férias de verão em Schönbühl, no Danúbio. Ele comprara havia pouco a “taverna”, que tinha de ser reconstruída para propósitos de moradia. Inesquecível é para mim a situação na qual o encontrei. Chegando à casa, vi um grupo de pedreiros e entre eles um homem esguio e comprido, com camisa aberta, calções e um chapéu de abas moles, ambos salpicados de cal, usando a espátula do mesmo modo que os demais: um trabalhador italiano, como se via, à época, em todos os lugares nas ruas e vielas. Era Brentano. Ele veio amigavelmente ao meu encontro e mostrou seus esboços para a reconstrução, queixou-se do mestre de obras e dos pedreiros inábeis, que o obrigaram a tomar tudo em mãos e trabalhar ele próprio junto aos demais. Não demorou e logo estávamos em meio a discussões filosóficas, com ele ainda nessas vestes.

Eu só o vi novamente no ano de 1907, em Florença, em sua casa maravilhosamente situada na Via Bellosguardo. Só posso pensar nesses dias com a maior das comoções. Como me tocou, quando ele, quase cego, explicava a incomparável vista de Florença e da paisagem a partir de sua varanda ou conduzia a mim e a minha mulher¹⁰ pelos mais belos caminhos em ambas as vilas outrora habitadas por Galilei. Em sua aparência exterior eu o achei, em verdade, pouco mudado; apenas os cabelos haviam se tornado mais grisalhos e os olhos haviam perdido o seu brilho e a sua expressão de antes. Mesmo assim, quanto se falava ainda, também agora, a partir destes olhos, que glorificação e que esperança em Deus. É claro, falamos muito sobre Filosofia. Também isso foi doloroso. Como tocava-lhe o coração poder mais uma vez expressar-se filosoficamente – ele, para quem o grande impacto como professor era uma necessidade de vida, tinha de viver

¹⁰ [N.T.] Nascida Malvine Steinschneider (1860-1950), esposada por Husserl em 1887.

sozinho em Florença, fora de condições de [166] deixar desdobrar-se ali a sua eficiência pessoal, e já feliz se em algum momento vinha alguém do Norte que podia ouvi-lo e compreendê-lo. Nestes dias era como se as décadas desde meus tempos de estudante em Viena tivessem se tornado um sonho sem força. Eu me sentia diante dele, o superior, o de espírito poderoso, novamente como um iniciante tímido. Eu preferia ouvir a falar. E como seu discurso fluía grandioso, belamente segmentado e em todos os seus segmentos firmemente configurado. Certa vez, contudo, ele próprio queria ouvir e deixou-me relatar, sem me interromper com objeções, sobre o sentido de meu modo de investigação fenomenológico e, em conexão, de minha batalha prévia contra o Psicologismo. Não chegamos a um acordo. Talvez a culpa tenha residido um pouco também em mim. Paralisava-me a convicção interior de que ele, no estilo fixo de seu modo de refletir, com a estrutura fixa de seus conceitos e argumentos, não fosse mais suficientemente capaz de adaptação para poder compreender a necessidade de reconstrução de suas intuições fundamentais à qual me senti obrigado.

Nem o menor desacordo ofuscou esses belos dias, nos quais também sua segunda esposa, Emilie,¹¹ mostrou-nos toda gentileza pensável — ela, que de um modo tão benevolente e amável cuidou de sua avançada idade e assimilou-se da mais bela forma à imagem de sua vida de então. Ele queria estar comigo tanto quanto possível, sentia mesmo que minha gratidão por aquilo que ele foi para mim, através de sua personalidade e da força viva de suas doutrinas, era inapagável. Já idoso, ele se tornara mais amável e moderado — não encontrei nele o velho amargurado ao qual sua primeira e segunda pátrias haviam assegurado tão pouco apoio e cujos grandes dons recompensaram com ingratidão. Sempre além, ele viveu em seu mundo de ideias e na plenificação de sua Filosofia, [167] a qual, como ele dizia, teve um grande desenvolvimento ao longo das décadas. Pairava sobre ele um ar de glorificação, como se ele não mais pertencesse a este mundo e como se vivesse, meio a meio, já naquele mundo superior, no qual ele tão firmemente acreditava e cuja interpretação filosófica em teorias teístas também o havia ocupado tanto nestes tempos tardios. A última imagem que tive dele naqueles dias em Florença penetrou o mais profundamente em minha alma: assim ele vive em mim, ainda além — uma figura de um mundo superior.

REFERÊNCIAS

BRENTANO, F. *Die Vier Phasen der Philosophie und ihr augenblicklicher Stand*. Erste Auflage. Stuttgart: Cotta, 1895.

BRENTANO, F. Über Schellings Philosophie. In: *Über die Zukunft der Philosophie* (Hrsg.) Oskar Kraus. Zweite Auflage. Hamburg: Felix Meiner, 1968. Philosophische Bibliothek Band 209, pp. 101-132.

BRENTANO, F. *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*. Erste Auflage. Leipzig: Duncker und Humblot, 1907.

¹¹ [N.T.] Nascida Emilie Ruprecht (1867-1939), esposada por Brentano em 1897.

DEWALQUE, A. The Rise of the Brentano School. In: *The Routledge Handbook of Brentano and the Brentano School*. (ed.) Uriah Kriegel. London / New York: Routledge. Taylor and Francis Group, 2017. Routledge Handbooks in Philosophy. pp. 225-234.

KRAUS, O. *Brentano. Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre*. Mit Beiträgen von Carl Stumpf und Edmund Husserl. München: C.H. Beck, 1919

ÖSTERREICHISCHES STAATSARCHIV. *Briefe Franz Brentano an Ernst von Plener*. Signatur: AT-OeStA/HHStA SB NI Plener 18-34. Entstehungszeitraum: 1894-1902. Stufe: Akt (Sammelakt, Grundzl., Konvolut, Dossier, File). Disponível em: <
<https://www.archivinformationssystem.at/detail.aspx?id=2358844> >. Acesso em: 14 de mar. de 2025

SPIEGELBERG, H. The Lost Portrait of Edmund Husserl by Franz and Ida Brentano. In: *Axiomathes: Studies and Essays in the Humanities in Memory of Philip Merlan*. (eds.) Robert Plamer, Robert Hamerton-Kelly. The Hague: Martinus Nijhoff, 1971, pp. 341-345.

Submetido: 15 de março de 2025

Aceito: 9 de junho de 2025

167